

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nara Lúcia Gomes Sant'Ana

**A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM
PROJETO DE ESPERANÇA**

Congonhas

2012

Nara Lúcia Gomes Sant'Ana

**A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM PROJETO DE
ESPERANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Ângelo Garíglío

Congonhas

2012

Nara Lúcia Gomes Sant'Ana

A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM PROJETO DE ESPERANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Ângelo Garíglío

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Ângelo Garíglío – Faculdade de Educação da UFMG

Fabrine Leonard – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

A inclusão de deficientes na escola e na sociedade é uma das preocupações mundiais, trata-se de um novo paradigma que traz reflexões sobre a educação e conseqüentemente sobre a Educação Física. Este trabalho foi realizado com o objetivo de desmistificar o sentimento de incapacidade que alunos do 4º ano de uma escola da Prefeitura Municipal de Congonhas atribuíam as pessoas com deficiência. Para isso foi realizado um trabalho teórico-prático onde os alunos foram convidados a refletir sobre o universo da pessoa com deficiência e foram desafiados a participar de uma Gincana Paraolímpica onde eles seriam os atletas deficientes. Com o trabalho pudemos perceber que o tema proposto pode ser uma possibilidade de intervenção nas aulas de Educação Física. Foi possível observar também a mudança de postura dos alunos em relação a pessoa com deficiência, o sentimento de pena antes atribuído a eles foi substituído pelo de admiração e respeito.

Palavras-chave: pessoa com deficiência, inclusão, educação física.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	9
3 METODOLOGIA.....	13
3.1 Diário de Campo.....	14
4 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Este Plano de ação teve como objetivo principal realizar um trabalho de ação-reflexão-ação sobre a maneira como alunos imaginavam o universo da pessoa com deficiência¹. Foi um projeto realizado na disciplina de Análise Crítica da Prática Pedagógica no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais. O professor orientador nos instigou a uma reflexão acerca de nossa prática pedagógica partindo de alguma dificuldade encontrada na escola, e então planejar um Plano de Ação com o objetivo de buscar possíveis intervenções/soluções para esta dificuldade.

Por acreditar que este Plano de ação possui relação direta com a minha condição de professora deficiente, abro aqui um espaço para relatar um pouco de minha trajetória:

Confesso que até os 22 anos de idade não sabia o que era ser deficiente, talvez por minha deficiência ser de caráter congênito aquilo não me incomodava, não me atrapalhava nas tarefas da vida cotidiana. Minha foi a mais normal possível. Estudei em excelentes escolas, fui uma aluna mediana, nunca sofri nenhum tipo de preconceito, sempre tive facilidade em fazer amizades. Aos 11 anos de idade, depois de inúmeras tentativas em me adaptar a alguma atividade extra-escolar decidi fazer parte do time de handebol da escola. A partir daí meus dias se resumiam a treinos e campeonatos de handebol. Algumas vezes dei entrevistas, umas pessoas vinham falar comigo que eu era um exemplo de superação, mas confesso isso não me chamava muita atenção. Não foi difícil escolher o curso que eu faria na universidade e logo que saí do ensino médio já estava estudando no curso de Licenciatura em Educação Física da UFSJ. Na universidade fui uma aluna mais participativa, sobretudo naquilo que dizia respeito a esportes coletivos. Uma vez fui chamada para participar do campeonato brasileiro de vôlei sentado, cheguei lá sem ao menos saber as regras do jogo. Mas fiquei encantada com o lugar todo adaptado, foi o meu primeiro contato direto com pessoas com deficiência que também estavam ligadas a área esportiva. A partir daí comecei a pensar em trabalhar com atividade física para pessoas com deficiência. No quinto período da faculdade comecei a fazer estágio na APAE e no CAPES de São João Del Rei, aprendi muito e gostei do trabalho. Os alunos me olhavam de uma forma diferente, muitos se surpreendiam em ter uma professora deficiente. Me sentia mais próxima dos alunos e sentia que eles também se sentiam mais próximos de mim. Foi a experiência mais significativa em minha formação. Depois que me formei, quando surgiu a oportunidade de trabalhar em uma escola com crianças, percebi que deveria dar uma justificativa sobre minha deficiência aos alunos, até mesmo porque imaginava que eles não tinham contato com professoras deficientes e aquilo seria algo novo para eles. Então, já no primeiro dia de aula levei um cartaz cujo título era “Somos todos iguais?”, coleí foto de diversas pessoas, entre elas, algumas deficientes. Após analisarem o cartaz perguntei o que achavam e a resposta era unânime, todos diziam que não. Pedi para que observassem os colegas e me observassem também e fomos falando as diferenças. Até que em certo ponto falavam sobre minha mão e aí explicava o que havia ocorrido.

¹ Utilizo nessa monografia o termo pessoa com deficiência baseado em Sassaki (2005), segundo o autor “pessoas com deficiência” passa a ser o termo preferido por um número cada vez maior de adeptos, boa parte dos quais é constituída por pessoas com deficiência que, no maior evento (“Encontrão”) das organizações de pessoas com deficiência, realizado no Recife em 2000, conclamaram o público a adotar este termo. Elas esclareceram que não são “bortadoras de deficiência” e que não aquerem ser chamadas com tal nome.

O que mais me chamou atenção durante essa reflexão foi o fato de os alunos sentirem dó de mim, não acreditavam que eu era capaz de amarrar o meu próprio cadarço ou prender o meu cabelo. Queriam sempre me ajudar, achavam realmente que eu não iria conseguir. Vale ressaltar que tudo isso aconteceu em um momento da minha vida em que as questões burocráticas a respeito da minha condição começaram a aparecer. Comecei o processo cansativo, demorado e burocrático para tirar carteira de motorista e adquirir um veículo. Moro em uma cidade do interior e nenhuma auto-escola da região possui carro com as adaptações necessárias. Teria que adquirir primeiro um veículo e então tentar tirar carteira no meu veículo. Mas para eu conseguir adquirir esse veículo dependia de uma documentação da Receita Estadual e da Receita Federal, enfim, o prazo para eu tentar tirar carteira iria se esgotar. Com muita dificuldade consegui adquirir a carteira de motorista com um carro emprestado. Mas o processo para a compra do carro ainda está sendo mais demorado, faz um ano e quatro meses que estou tentando, e ainda não consegui ter meu carro. Por essa e outras questões senti algo diferente, que eu nunca havia sentido, passei por situações complicadas e humilhantes que me assustaram, até então minha condição de deficiente não havia me atrapalhado em absolutamente nada, mas agora posso perceber e sentir como é difícil ser deficiente, o descaso e o preconceito ainda me assustam.

A motivação para realização deste Plano de ação se encontra em minhas próprias vivências, que vão desde minha infância, passando pela escola, pelas aulas de educação física, pela universidade, enfim, por todas as experiências, sejam elas de caráter pessoal ou profissional.

Ao iniciar este trabalho, me vejo às voltas comigo mesma e com minhas memórias, olhar para si mesmo, trazer à tona sentimentos e vivências, vasculhar o que está guardado, esquecido... Pergunto-me: por onde começar? Na medida em que vou escrevendo vêm à tona recordações de momentos e fatos vivenciados cujas marcas ainda residem em mim. Acredito que este trabalho possui grandes relações com minha história de vida.

Queiroz (1988) define a história de vida como:

[...] o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (p. 20)

Conforme afirma Nóvoa (1992, p. 7), “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Nesse processo de reflexão sobre seu percurso de vida, o indivíduo manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e coletivo, na busca de significados para construção de sua identidade profissional. Nesse sentido, o método autobiográfico possibilita ao docente, pelo relato de sua história de vida, revelar seus anseios e expectativas ante a profissão docente e a própria vida.

A imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional. Esse processo está em constante transformação, reconstruindo-se ao longo da vida, de acordo com suas experiências sociais e individuais. A maneira como o docente constrói a sua imagem profissional participa na definição de suas ações com os alunos, de suas relações no cotidiano do trabalho e do desenvolvimento de suas atividades pedagógicas. A construção identitária subsidiará a maneira como o homem se coloca perante o mundo e diante das relações de trabalho (Gatti, 1996).

Este trabalho possui relação direta com minha história de vida, minhas vivências e meus sentimentos. Tudo o que aconteceu e que passei durante os últimos tempos foi como um incentivo para mim, algo dentro de mim me movia a abraçar a causa das pessoas com deficiência, fui percebendo o quanto era difícil e como as pessoas com a mesma condição que a minha sofriam e ainda eram tão discriminadas.

O principal objetivo desse trabalho foi fazer com que os alunos do 4º ano de uma escola da rede pública de ensino do município de Congonhas compreendessem o universo da pessoa com deficiência, passando a enxergá-lo além de sua deficiência, focando em suas potencialidades e habilidades. Se familiarizando, construindo assim uma relação de respeito com os deficientes inseridos na escola.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O número de Pessoas com Deficiência (PD) no Brasil corresponde à cerca de 24,5 milhões, equivalendo a 14,5% da população do país (IBGE, 2000). Essas deficiências podem ser consideradas como: visuais, motoras, auditivas, mentais, físicas ou múltiplas. Como qualquer cidadão, a pessoa com deficiência tem direito à educação pública e gratuita assegurada por lei, preferencialmente na rede regular de ensino.

A diversidade humana é muito ampla. Mesmo assim, existem pessoas que ainda não compreendem as diferenças e as deficiências que todos possuem, gerando estigmas, preconceitos e impondo rotulações. Entretanto, nos dias atuais, percebemos que a educação brasileira vem desenvolvendo iniciativas para a inclusão e permanência das pessoas com deficiência na escola, procurando assim, combater os preconceitos entre as pessoas. (KRUG, 2002)

A inclusão dos deficientes na escola e na sociedade é uma das preocupações mundiais. O princípio da inclusão têm sido eixo de muitas discussões. Trata-se de um novo paradigma, e traz de maneira geral reflexões sobre a Educação.

Incluir não significa apenas estar com o deficiente, significa a capacidade de entender e reconhecer o outro, com o privilégio de conviver e compartilhar com as diferenças. Significa apoio, respeito, compreensão, enfim, estar com o outro e cuidar do outro. (LEUCAS, 2009)

O processo de inclusão das pessoas com deficiência no ambiente escolar é uma construção que acontece de forma lenta. Compete à escola garantir uma educação de qualidade para todos os alunos, independente de suas diferenças. A escola é um ambiente propício para promover discussões acerca de inclusão de pessoas com deficiência por ser um ambiente de troca de experiências.

Segundo Caputo e Ferreira (1988):

A inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade, através de transformações nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meio de transporte), na mentalidade das pessoas e também da pessoa com necessidades educacionais especiais. Esse processo refere-se à diversidade de sistemas sociais, possibilitando que essa fração populacional se prepare para assumir papéis na sociedade. É também um processo bilateral no qual a pessoa com necessidades educacionais especiais e a sociedade, buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos expressando um modelo social da deficiência repousando em princípios até então considerados incomuns. São eles: (a) aceitação e celebração das diferenças sociais; (b) valorização de cada pessoa (o direito de pertencer);

(c) convivência dentro da diversidade humana, ou seja, igual importância às minorias; (d) aprendizagem através da cooperação (solidariedade humanitária); e (e) cidadania com qualidade de vida. (Caputo e Ferreira, 1998)

Segundo a Organização das Nações Unidas, todo mundo se beneficia da educação inclusiva. Estudantes com deficiência aprendem a gostar da diversidade; adquirem experiência direta com a variedade das capacidades humanas; demonstram crescente responsabilidade e melhor aprendizagem através do trabalho em grupo, com outros deficientes ou não; e ficam melhor preparados para a vida adulta em uma sociedade diversificada, pois entendem que são diferentes, mas não inferiores. Já os estudantes sem deficiência têm acesso a uma gama bem mais ampla de papéis sociais; perdem o medo e o preconceito em relação ao diferente, desenvolvem a cooperação e a tolerância; adquirem grande senso de responsabilidade e melhoram o rendimento escolar; e são melhor preparados para a vida adulta porque desde cedo assimilam que as pessoas, as famílias e os espaços sociais não são homogêneos e que as diferenças são enriquecedoras para o ser humano. (KRUG, 2002)

A inclusão está relacionada à forma como a escola concebe e interage com a diferença, tendo como eixo a relação com outro. Lembrando que presença do educando com deficiência, no interior da escola, não é condição suficiente para que a inclusão aconteça. Cabe ao professor promover a interação entre os grupos, fazendo-se perceber e aceitar as diferenças individuais, valorizar cada pessoa convivendo dentro da diversidade humana e, aprender por meio da cooperação. STUCKERT (2009)

Mittler 2003 acredita que:

“Não importa o quão comprometido um governo possa ser com relação à inclusão; são as experiências cotidianas das crianças nas salas de aulas que definem a qualidade de sua participação e a gama total de experiências de aprendizagem oferecidas em uma escola. As formas através das quais as escolas promovem a inclusão e previnem a exclusão constituem o cerne da qualidade de viver e aprender experimentado por todas as crianças (Mittler, 2003, p. 139).

Já para Ferre (2001), o que é diferente salta aos olhos, incomoda. A presença de seres considerados diferentes aos demais, caracterizados pelo “espelhismo da normalidade”, é vivida como uma grande perturbação.

Segundo Carmo (2001) essa nova tendência - inclusivista - no cenário político educacional brasileiro tem deixado os dirigentes educacionais confusos diante da obrigação de ter que trabalhar no mesmo espaço e tempo, com crianças que apresentam as mais diferentes formas de habilidades, capacidades, comportamentos e histórias de vida. O velho e desgastado ideário da igualdade universal entre os homens começa a dar sinais de exaustão e um novo discurso começa a se tornar hegemônico. Estamos falando das diferenças concretas existentes entre os homens, que sempre existiram, porém foram negadas ou desconsideradas pela grande maioria dos educadores. Atualmente, diante da tendência inclusivista a escola esta “nua” e não tem como camuflar suas limitações e lacunas. O impacto da inclusão escolar é tão forte que existe até quem diga, como forma de apelo ao absurdo ou tentativa de relativizar o problema, que “todos somos “deficientes” e diferentes.

Ainda de acordo com Carmo (2001) em face das publicações, pesquisas e conhecimentos acumulados na área, utilizar discursos de que todos somos deficientes na tentativa de relativizar os estigmas e preconceitos, é no mínimo uma posição ingênua, insensata e que precisa ser superada pelos educadores. As tão sonhadas turmas ou classes “homogêneas”, nas quais todas as crianças deveriam ser “iguais” em idade, peso, altura, e habilidades, estão prestes a se transformarem em classes da diversidade humana, onde todas são diferentes e desiguais.

A participação de pessoas com deficiência em diferentes atividades tem recebido atenção crescente, oferecendo a oportunidade, de experimentarem sensações e movimentos, que freqüentemente são impossibilitados pelas barreiras físicas, ambientais e sociais. Dentre estas atividades destaca-se o esporte.

O desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiências físicas tem sua origem com a reabilitação dos veteranos da II Guerra Mundial, particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. O esporte adaptado no Brasil se iniciou em 1957 com o basquetebol em cadeira de rodas, começando a aparecer clubes especializados em esportes para portadores de limitação física.

Para Carmo (2001) o trabalho que a área da Educação Física vem desenvolvendo com as pessoas deficientes, nas duas últimas décadas, oportunizou a abertura de novos campos de trabalho e pesquisas. A fundação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, a criação de um GT nos Congressos do CBCE, a inclusão de várias linhas de pesquisas nos Programas de Mestrados e

Doutorado no Brasil, tanto em Educação quanto em Educação Física, o fortalecimento do Comitê Paraolímpico Brasileiro e as grandes conquistas dos atletas nas Paraolimpíadas, Atlanta nos USA e Sidney na Austrália, exemplificam e corroboram com essas afirmações. Entretanto, em que pese todas essas realizações, muito ainda necessita ser feito, principalmente na tentativa de minimizar setores resistentes que continuam, na maioria dos Estados brasileiros, desenvolvendo ações no interior das escolas visando prioritariamente às crianças consideradas “normais” ou aptas para a práticas das atividades físicas convencionais.

E nos perguntamos: será que os professores de Educação Física que tanto sucesso têm conseguido com os atletas portadores de deficiência, no campo segregado e diferenciado dos jogos e competições, terão condições de desenvolver suas atividades escolares em grupos envolvendo deficientes e não-deficientes? Os conhecimentos que os professores de Educação Física dominam possibilitam, pedagógica, metodológica e tecnicamente trabalhar a diversidade humana no mesmo espaço e tempo da Escola Regular? As atividades motoras e os esportes para os “deficientes” têm que ser necessariamente adaptados e ministrados separadamente das demais crianças? (CARMO, 2001)

No caso específico da Educação Física apesar dessa área já estar trabalhando há vários anos com pessoas portadoras de “deficiência”, na grande maioria dos cursos de graduação, escolas e clubes, as diferentes atividades realizadas têm sido desenvolvidas em espaços e tempos diferentes.

A preocupação fundamental do professor de Educação Física deve ser de refletir visando novos conhecimentos compatíveis com as possibilidades e realidades das diferentes formas que se apresenta a diversidade humana.

3. METODOLOGIA

O principal objetivo desse trabalho foi fazer com que os alunos do 4º ano de uma escola da rede pública de ensino do município de Congonhas compreendessem o universo do deficiente, passando a enxergá-lo além de sua deficiência, focando em suas potencialidades e habilidades. Se familiarizando, construindo assim uma relação de respeito com os deficientes inseridos na escola e fora dela.

Escolhi desenvolver o trabalho com essas turmas porque quando me apresentei pela primeira vez à escola foram os alunos que mais interrogaram e demonstraram curiosidade em relação à minha deficiência. Eram também turmas participativas e questionadoras.

O tema foi tratado a partir de um diagnóstico da realidade, partindo do que os alunos já conheciam. Promovemos discussões e reflexões a respeito da idéia dos alunos ampliando o conhecimento sobre o deficiente.

Os alunos tinham uma visão de que o deficiente não era capaz de realizar determinadas tarefas e que eles não teriam condições de participar das aulas de Educação Física, então realizamos um trabalho focando nas potencialidades e possibilidades da pessoa com deficiência através de uma gincana paraolímpica, onde os próprios alunos seriam os atletas. O objetivo foi fazer com que os alunos percebessem que o deficiente também é capaz e, como eles, têm direito ao esporte e ao lazer.

Ao pensar no Plano de Ação logo me veio à idéia de trabalhar com a Gincana Paraolímpica. Estava na época dos Jogos Parapanamericanos e pensei que a questão da mídia poderia ajudar. Fiquei com receio do que os alunos poderiam achar da idéia de se passarem por deficientes, principalmente na aula em que teriam que ficar na cadeira de rodas, por isso optei por uma parte teórica que levassem os alunos a pensar que ser deficiente também pode ser legal.

Foi realizado um total de sete aulas com o tema “O que é ser deficiente?”, sendo que em todas elas optei pela metodologia de caráter teórico-prático.

Por entender a importância do movimento nas aulas de Educação Física optei por aulas em que os alunos estariam experimentando, vivenciando e descobrindo formas de se movimentar que talvez ainda não estivessem sido exploradas.

Para Gonzalez (2010) a dimensão que se refere às possibilidades do movimentar-se dos seres humanos aparece na Educação Física como um esforço

de oportunizar, particularmente à criança, o aprofundamento conhecimento do próprio corpo, sua capacidade de realizar movimentos e de relacionar-se corporalmente com as dimensões espaço-temporais do ambiente físico.

A Educação Física se esforça, enquanto área escolar, para oportunizar às crianças desafios motores sistematizados/racionalizados, segundo diferentes perspectivas, para construir esses conhecimentos. Essa disciplina buscaria oportunizar, nessa dimensão, chances para a criança descobrir/aprender outras possibilidades de movimento daquelas oferecidas culturalmente pelo seu entorno social imediato, contribuindo, dessa maneira, para a construção de novas referências sobre seu próprio corpo, potencialidades para se-movimentar e interagir com o ambiente. Nessa dimensão, o conhecimento da Educação Física se materializa principalmente na experiência, sendo as oportunidades de movimento oferecidas mais um meio de conhecimento e não mera “excrecência” de objetos culturais a serem conhecidos. (GONZÁLEZ, 2010)

3.1 Diário de campo

Primeira aula:

Objetivos: diagnóstico da realidade. O que os alunos entendem por inclusão? E por deficiência?

Desenvolvimento: A primeira aula foi realizada em sala. Através de uma pequena apresentação exibida no data-show os alunos tiveram informações sobre os dados dos deficientes no Brasil, os tipos de deficiências e os direitos dos deficientes. A apresentação continha diversas figuras de desenhos de crianças deficientes o que facilitou para que os alunos interagissem com os slides. A primeira pergunta era o que eles achavam que era ser deficiente. Quase todos os alunos falaram, mas as respostas não eram muito diferentes:

“É a pessoa que tem problema”

“É quem anda de cadeira de rodas”

“É a pessoa que não consegue fazer nada”

A maioria dos alunos conhecia alguém deficiente e muitos quiseram falar. A discussão foi caminhando e os alunos sempre atrelando a idéia do deficiente à questão da incapacidade. Perguntei então se eles achavam que ser deficiente era algo ruim e todos responderam “Deve ser horrível”, perguntei por quê:

“Porque ele vê os amigos jogando futebol e não pode jogar.”

“Porque ele não pode fazer as coisas sozinho”

Enfim, mais uma vez todas as respostas ligadas a questão da incapacidade. Quando conversamos sobre a inclusão na escola os alunos lembraram que existe uma aluna que andava de cadeira de rodas na escola, os alunos comentaram sobre o transtorno para ela ir ao banheiro, pois o banheiro é muito pequeno e começaram a perceber como a questão da acessibilidade é importante.



Foto 1 – Apresentação de slides



Foto 2 – Aula em sala

Logo após mostrei alguns vídeos e imagens de um grupo de balé para cegos, um menino que tem as pernas amputadas e anda de skate, um homem que tem os dois braços e as duas pernas amputadas e surfa, uma menina que tem apenas a parte de cima do corpo e pratica natação, uma menina que não tem os dois braços e dirige e pilota avião, etc. Os alunos ficaram impressionadíssimos com as cenas, falaram que nem com as duas mãos e os dois pés são capazes de fazer o que aquelas pessoas faziam.

Todas as fotos deste trabalho são de responsabilidade da autora.

No final da aula entreguei realizamos uma espécie de amigo oculto, onde cada um retirou o nome de um colega e na próxima aula cada um teria que revelá-lo utilizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).



Foto 3 – Alunos realizando a atividade proposta

A primeira aula superou minhas expectativas. Os alunos se interessaram e ficaram bastante entusiasmados. Durante a entrega do alfabeto em LIBRAS alguns alunos já sabiam do que se tratava e anteciparam a minha explicação. Pensei em realizar esse trabalho com a LIBRAS porque queria que durante todas as aulas os alunos experimentassem algo que fazia parte da vida do deficiente, algo que fosse concreto.

A reação dos alunos durante a primeira aula me surpreendeu. Não apenas pelo fato da vontade que eles estavam de realizar as atividades, mas em como realmente estavam se importando com aquilo, essa reação tocou minha memória e me lembrei de tudo o que estava passando, estava em um momento complicado e ver aquelas crianças com vontade de abraçar a causa dos deficientes foi emocionante. Estavam realmente dispostos e já mudavam sua postura e sua opinião sobre a deficiência. Senti que tinha uma responsabilidade grande na formação do conceito do que seria ser deficiente para aqueles alunos.

Segunda aula:

Objetivos: realização do amigo oculto em LIBRAS e desenvolvimento da dinâmica para discussão

Desenvolvimento:

No primeiro momento os alunos revelaram os nomes do amigo oculto através do alfabeto LIBRAS. Os alunos gostaram da atividade, disseram que com a LIBRAS não seria tão difícil ser mudo. Acredito que essa experiência foi enriquecedora para os alunos para que eles entendam que existem outros tipos de linguagem, outras formas de se expressar e de se comunicar.



Foto 4 – alunos revelando o amigo oculto na LIBRAS



Foto 5 – alunos revelando o amigo oculto na LIBRAS

Logo depois passamos para a dinâmica: os alunos foram divididos em três grupos. Um grupo foi representado pelos mudos, outro pelos deficientes físicos e outro pelos cegos. Cada grupo ficava em uma área demarcada. A seguinte foi dada aos mudos “Vocês estão em uma ilha e deverão fazer com que os cegos venham resgatar vocês. Mas para isso terão que avisar através de gestos aos deficientes físicos, que não podem se locomover, mas que podem gritar para os cegos que eles devem pegar os colchões que se encontram atrás deles e fazer uma ponte para que venham salvar vocês. Lembrando: vocês não falam, os deficientes físicos não andam e os cegos não enxergam.”



Foto 6 – alunos que se passavam por deficientes visuais



Foto 7 – alunos que se passavam por mudos

No início foi um pouco confuso, os deficientes físicos não conseguiam entender os gestos dos mudos, mas aos poucos a turma foi se organizando. Achei interessante porque alguns alunos permaneceram com as folhas do alfabeto LIBRAS da atividade anterior nas mãos e começaram a se comunicar através das LIBRAS, não esperava por isso.



Foto 8 – alunos se comunicando através da LIBRAS



Foto 9 – alunos que se passavam por deficientes físicos

Depois de algum tempo os alunos conseguiram realizar a tarefa, perguntei o que acharam e as respostas foram:

“No início foi muito difícil, nós fizemos os gestos direitinho, mas eles não entendiam, a culpa era deles.”

“É ruim ter que mandar alguém fazer alguma coisa sem você poder se levantar do lugar e fazer você mesmo.”

“Dá um pouco de medo ter que acreditar nas pessoas, mas achei ser cego muito legal”



Foto 10 – alunos criando a ponte



Foto 11- alunos salvando os colegas da ilha

Comentamos um pouco a respeito dos vídeos das pessoas deficientes que procuram meios de se locomover e se comunicar sem ter que depender dos outros. Ao final da aula os alunos tiveram uma tarefa, pesquisar o que era esporte paraolímpico e trazer na próxima aula.

No início tive receio de que a atividade não daria certo, os alunos estavam muito agitados e não conseguiam se comunicar. Alguns alunos que estavam representando os mudos retiraram a fita da boca e começaram a me dizer que não tinha jeito, que eles estavam sendo claros, mas que ninguém conseguia entendê-los. Mas me surpreendi quando alguns alunos tiveram a idéia de se comunicar utilizando a LIBRAS. Percebi que eles haviam entendido a função da LIBRAS e que ela não era uma linguagem apenas para mudos ou surdos utilizarem, os alunos compreenderam e passaram a vê-la como uma outra forma de comunicação.

Terceira aula:

Objetivos: discussão sobre os esportes paraolímpicos

Desenvolvimento:

Os alunos trouxeram trabalhos escritos e cartazes sobre o esporte paraolímpico, apresentaram o trabalho e falaram sobre algumas modalidades paraolímpicas.

Logo após mostrei alguns vídeos de algumas modalidades, os alunos ficaram impressionados e disseram que não imaginavam que as pessoas com deficiência pudessem jogar tantas modalidades. Alguns alunos disseram:

“Se eu fosse deficiente, se não tivesse as pernas, pelo menos teria os braços e poderia jogar o vôlei sentado”

“Ser deficiente não é tão ruim assim, eles fazem tudo que nós fazemos”

“Se eu fosse deficiente jogaria todas as modalidades”

“Gostei mesmo foi do basquete, se andasse de cadeira de rodas ia querer jogar”

Achei interessante a colocação dos alunos, eles conseguiram ver as possibilidades da pessoa com deficiência e como elas poderiam participar também de atividades esportivas. Os alunos ficaram animados para experimentarem as

modalidades na quadra, tivemos que fazer uma seleção de algumas modalidades, pois não tínhamos tempo para realizar todas. Em uma turma quase todos os alunos queriam vivenciar o goalball, então decidimos que esta seria a nossa próxima aula, conversamos sobre as regras e a bola que seria usada. Já na outra turma os alunos perguntaram se não poderíamos fazer uma queimada para deficientes visuais, pensamos juntos como poderíamos viabilizar o jogo. Houve conflitos na discussão da regra do jogo, alguns alunos queriam que todos estivessem com a venda, a aula já estava terminando, então sugeri que fizéssemos uma votação e os alunos toparam. Os alunos opinaram muito e várias idéias foram surgindo. Todas as regras do jogo partiram de idéias dos alunos. Expliquei como funcionava a bola com guizo e decidimos usar uma bola de borracha com arroz dentro e enrolada com fita adesiva para que todos os alunos pudessem ouvir quando a bola se aproximasse.

Quarta aula:

Objetivos: realização da gincana paraolímpica

Desenvolvimento:

Discutimos como seria a queimada para deficientes visuais, relembramos o que havia sido decidido na aula anterior, o jogo, as regras, etc. Decidimos que cada time teria quatro deficientes visuais e cada um teria uma espécie de guia. Outra regra que os alunos sugeriram é que nas linhas estivesse uma corda no chão, para quando o deficiente visual pisasse soubesse que estava na linha. Colocamos vendas nos deficientes visuais.

O jogo foi interessante porque os alunos deram oportunidade dos deficientes visuais jogarem. Os alunos disseram que não sabiam antes, mas que dava sim para os deficientes visuais jogarem queimada tranquilamente, que se algum dia entrasse um deficiente visual na sala deles, ele também poderia participar das aulas.



Foto 12 – alunos auxiliando o colega na queimada



Foto 13 – alunos ajudando o colega que se passa por deficiente visual

O Goalball também foi interessante, me chamou a atenção em como os alunos respeitaram o silêncio que exigia o jogo. Como na queimada colocamos grãos de arroz dentro de uma bola de plástico e a envolvemos com fita plástica para que ela fizesse barulho quando fosse lançada. Conversamos e decidimos que cada equipe deveria ter um guia que auxiliasse para onde deveriam se movimentar.



Foto 14 – alunos ajudando o colega no Goalball



Foto 15 – alunos realizando o jogo

No final, em nossa roda da conversa os alunos disseram que gostaram muito, que no início acharam que não dariam conta, mas que ficaram felizes em conseguir jogar. Disseram também que esses jogos são muito legais porque mostram que a pessoa com deficiência não precisa ficar presa dentro de casa, que ela pode brincar e se divertir como todo mundo.

Fiquei feliz com os alunos não demonstrarem nenhum tipo de preconceito em se passarem por deficientes, tive receio desde o início de que isso acontecesse. Senti-me muito bem em ter dado conta de fazer com que os alunos refletissem e mudassem a sua impressão em relação à pessoa com deficiência.

Senti que ao mesmo tempo em que os alunos compreendiam o jogo e valorizavam cada vez mais a pessoa com deficiência as lembranças também apareciam na minha memória. Era como se eu fosse um daqueles alunos e precisasse também de relembrar das partes que haviam sido marcantes pelo lado positivo da minha condição de deficiente.

Quinta aula:

Objetivos: Realização da gincana paraolímpica

Desenvolvimento:

Nesta aula decidimos jogar o vôlei sentado, eu tinha contado para os alunos que havia participado uma vez de uma competição de vôlei sentado e os alunos pediram para vivenciarmos a modalidade. Era também uma modalidade que seria

fácil de viabilizar na quadra, precisaríamos apenas de colocar a rede mais baixa. Resolvi também utilizar uma bola maior e mais leve, ainda não havíamos trabalhado com o vôlei tradicional, então pensei que talvez seria mais fácil jogar com uma bola daquelas de circo. Os alunos adoraram o jogo, respeitaram a questão de não poderem andar e quando iam buscar a bola arrumavam meios de se locomover sem utilizar as pernas. Resolvi também adaptar algumas regras como o número de jogadores. Dividi a turma em duas equipes e todos jogaram ao mesmo tempo. Deixei por conta dos alunos a posição em que cada jogador deveria ficar, mas como todos queriam sacar numerei os jogadores de acordo com o posicionamento em que haviam escolhido e cada hora era a vez de um aluno realizar o saque. Cada equipe também poderia dar mais de três toques na bola, o importante era passar a bola para o outro lado, independente da forma como fosse.



Foto 15 – alunos jogando o vôlei sentado



Foto 16 – alunos jogando o vôlei sentado

Os alunos gostaram muito do jogo, disseram que queriam jogar mais vezes, foi um jogo em que todos participaram ao mesmo tempo e acredito que isso fez com que os alunos ficassem mais animados, ninguém precisava ficar de fora, como no goalball, e todos estavam na mesma condição de “deficientes”, diferente da queimada.

Na roda da conversa no final da aula os alunos disseram que o jogo não era muito difícil, mas que o jogo dos atletas do vídeo era mais rápido, expliquei um pouco sobre as regras oficiais do jogo, o número de atletas, a bola, o espaço, mas os alunos também ressaltaram que os atletas treinam muito e que se eles também treinassem poderiam jogar daquela forma.

Acredito que foi a aula prática em que os alunos mais se envolveram, e comigo não foi diferente, durante todo o momento lembrava de quando eu havia participado do Campeonato Brasileiro de vôlei sentado, fiquei pensando em porquê não havia dado certo naquele esporte, lembrei da forma como aquelas pessoas se

relacionavam, em como a deficiência dos atletas era apenas um simples detalhe. Talvez, de alguma forma, deixei transparecer minha animação na aula e por isso os alunos também estavam tão empolgados nesta aula. Minha afinidade com o vôlei sentado, a minha vivência na modalidade com certeza foram fatores que influenciaram na aula.

Sexta aula:

Objetivos: realização da gincana paraolímpica

Desenvolvimento:

Consegui levar duas cadeiras de rodas para a escola para vivenciarmos o basquete para cadeirantes. Os alunos ficaram muito animados, todos queriam sentar nas cadeiras. Decidimos que cada um deveria experimentar um pouco. Dividi as equipes e falei que em cada equipe teria um cadeirante, como todos queriam sentar na cadeira, resolvi que cada hora um aluno seria o “deficiente”. Como na escola não tínhamos cesta de basquete, resolvi que um aluno ficava em cima de uma cadeira segurando um bambolê e esta seria a cesta. Marquei com o giz um espaço envolta do aluno que estava em cima da cadeira e disse que os outros alunos não poderiam invadir aquele espaço. Foi uma medida de segurança para que não corresse o risco do aluno cair da cadeira.



Foto 17 – alunos jogando o basquete em cadeira de rodas



Foto 18 – alunos jogando o basquete em cadeira de rodas

O jogo ficou um pouco confuso no início, os alunos estavam sempre querendo passar a bola para o aluno na cadeira de rodas porque descobriram que ele era

mais difícil de ser marcado. Em um primeiro momento o aluno era auxiliado por um colega na cadeira de rodas, ele se sentava e um colega o empurrava, depois o aluno mesmo que empurrava sua própria cadeira, era quando o jogador tinha mais dificuldade, pois eles não tinham muito controle da cadeira e acharam pesada.

Tive receio de que algum aluno não quisesse sentar na cadeira, tivesse receio ou preconceito, fiquei apreensiva com essa questão desde o início do trabalho. Quando surgiu a idéia de fazer a Gincana e consegui as cadeiras de rodas emprestadas fiquei imaginando qual seria a reação dos alunos ao estar diante da cadeira e ter que se passar por um cadeirante. Mas talvez o preconceito estivesse em mim, os alunos lidaram muito bem com o desafio e a maior dificuldade era fazer os alunos darem a vez ao colega e saírem da cadeira de rodas.

No final da aula, na nossa roda da conversa os alunos fizeram planos para o que fazer se um dia se tornassem deficientes e estivessem em cima de uma cadeira de rodas, sempre muito entusiasmados com a experiência. E disseram que se conhecessem pessoas deficientes, abririam seus olhos, mostrando tudo que são capazes de fazer.

Para Silva et al (2008) é fundamental que os participantes sejam incentivados a dizer como se sentiram durante as atividades, principalmente naquelas em que são simuladas vivências de deficiências, pois sabemos que estas podem se constituir em experiências muito enriquecedoras e marcantes para a pessoa. Compartilhar esses sentimentos com os demais é sempre muito frutífero para todos. Estas atividades darão oportunidade para o aluno conhecer suas possibilidades e seus limites, favorecendo a confraternização entre eles.



Foto 19 – roda da conversa

Sétima aula:

Objetivos: verificar e avaliar o que os alunos aprenderam com as vivências

Desenvolvimento:

Nesta aula fizemos uma avaliação. Os alunos foram divididos em grupo e foi entregue a cada grupo um cartaz em branco, canetinhas e giz de cera. Cada grupo deveria representar no cartaz, através de desenhos ou escrita o que haviam aprendido durante estas ultimas aulas, respondendo o que era para eles agora ser deficiente.

“Ser deficiente é normal. Tem pessoas que acham que ser deficiente é ruim, mas com as aulas percebemos que quando uma pessoa vira deficiente ela não deve se matar e nem ficar triste, porque é legal. Tem deficientes que fazem coisas impossíveis de pessoas não deficientes fazerem, mesmo com muito treino.”

“No voleibol, aprendi que pessoas deficientes também podem praticar esportes.”

“Nós aprendemos nesses últimos dias o que é ser deficiente. Nós fizemos esportes paraolímpicos para deficientes. Gostamos de aprender sobre eles. Descobrimos que os deficientes fazem muitas coisas interessantes, que a gente não sabia.”

“Os deficientes são pessoas como qualquer outra. Eles sem andar pilotam avião, passam chapa, tocam violão, fazem teatro e outras coisas.”

“Deficientes também tem direitos, ao trabalho, a educação e ao lazer.”

“Sei que ser deficiente pode ser tão legal como não ser deficiente.”

“Se um dia eu fosse deficiente eu acho que iria gostar.”



Foto 20 – confecção dos cartazes



Foto 21 – cartaz dos alunos



Foto 22 – cartaz dos alunos



Foto 23 – cartaz dos alunos



Foto 24 – cartaz dos alunos



Foto 25 – cartaz dos alunos

A cada cartaz que os alunos me mostravam me emocionava, fiquei muito satisfeita com o resultado, aquilo era como uma realização pessoal para mim, mais do que em qualquer outro conteúdo que tratamos, este foi o que mais me tocou por ter uma relação direta com minha história de vida. Os alunos também estavam animados a escrever o que haviam vivenciado, nas duas turmas excedemos o tempo da aula, conversei com a professora para que os alunos pudessem terminar o trabalho e elas concordaram. Deixei os alunos livres para mostrarem o que quisessem no papel, e foi interessante perceber o que o trabalho havia representado para cada um e quais eram suas lembranças mais marcantes e significativas das aulas realizadas.

Durante este momento eu me lembrava do meu primeiro contato com os alunos, em como me senti ao perceber que os alunos tinham pena de mim e das outras pessoas com deficiência. Com certeza o maior ganho deste trabalho foi perceber que os alunos já não mais atrelavam a idéia de incapacidade ao deficiente, esse sentimento foi substituído pelo de admiração e respeito.

Segundo Silva et al (2008) é interessante atividades de simulação para crianças consideradas normais vivenciar uma deficiência. Essas experiências permitem que eles percebam melhor as dificuldades das pessoas com deficiência e como elas podem se sentir eventualmente.

Fischer (2008) explica que, quando as escolas criam programas adequados, a inclusão funciona para todos os alunos com e sem deficiências, em termos de atitudes positivas, mutuamente desenvolvidas, de ganhos nas habilidades acadêmicas e sociais e de preparação para a vida em comunidade. Os alunos aprendem a ser sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer confortavelmente com as diferenças e as semelhanças individuais entre seus pares.

4. CONCLUSÃO

Ao iniciar o trabalho buscava me encontrar, lembrar de momentos que passei que me faziam sentir bem como pessoa, que me faziam ter orgulho da minha condição de deficiente. Foi uma experiência muito significativa para mim, talvez por deixar transparecer minha emoção os alunos se sensibilizaram e ainda hoje relembram os momentos que passamos e as atividades que realizamos. A relação que se criou entre mim e os alunos que participaram das atividades ainda reflete em nossas práticas, quase seis meses já se passaram e os alunos dessas turmas são mais próximos de mim, mais carinhosos, respeitam a minha condição de deficiente e estão sempre querendo repetir as atividades que fizemos.

Tive receio de que estivesse muito envolvida com o tema, era um conteúdo que tinha uma relação intensa e direta com minha história de vida, me sentia à vontade em estar tratando o tema, mas tive medo de estar sempre “levando para o pessoal”. Com o trabalho pude perceber o quanto a prática de um professor tem relação com sua história de vida, as aulas que ministrei foram pensadas e direcionadas de acordo com as minhas experiências. O modo de pensar e agir, também em sala de aula, é reflexo de uma série de experiências e vivências que foram construídas e que ainda vêm sendo construídas a cada dia.

As vivências em quadra foram, talvez, a questão mais importante do trabalho. Foi aquela que mais chamou a atenção dos alunos e fez com que eles compreendessem melhor o assunto. Durante as práticas os alunos tiveram dificuldades, procuraram outras formas de se movimentarem além daquelas que já conheciam, eles foram desafiados a vencer a barreira que lhes foi imposta e souberam lidar com isso.

Acredito que o fato de ter sido um conteúdo que foi tratado por mim, que sou uma professora deficiente também deve ser levado em consideração, pela verdade que foi passada e pelos exemplos que pude mostrar para os alunos.

Ao final do trabalho, considero como maior ganho a mudança da visão que os alunos têm sobre as pessoas com deficiência, já que o sentimento de pena apresentado por eles inicialmente foi substituído pelo de admiração. A deficiência, para eles, era tida como uma impossibilidade de se fazer algo. Entretanto,

atualmente, os alunos se impressionam com as potencialidades das pessoas com deficiência e, mais ainda com o fato que a deficiência pode não ser um empecilho para realização de determinadas tarefas.

Analisando o trabalho e as reflexões realizadas pude perceber que tratar o tema deficiência na escola e na Educação Física ainda é um desafio, mas que se tratado de forma pode ser benéfico, tanto para a pessoa deficiência que tem, nesta, uma grande oportunidade de convívio e crescimento pessoal, quanto para o aluno normal, pois, elas vão desde cedo aprendendo que tais pessoas, mesmo diferentes, merecem respeito, carinho e amizade. Crescem com uma visão menos preconceituosa em relação aos indivíduos com deficiência, pois para eles já é algo comum. No entanto, a inclusão escolar não é um processo rápido, automático, é um desafio a ser enfrentado devido a vários motivos, principalmente, a falta de professores habilitados e de estruturas físicas adequadas aos alunos com deficiência.

Entretanto, ressaltamos que a inclusão de pessoas com deficiência deve ser responsabilidade de toda a escola, como também da comunidade escolar que deve sentir-se comprometida e assim, facilitar a plena integração. Para não ocorrer o risco de fazermos com que a inclusão venha a incorporar um efeito perverso privilegiando justamente o mecanismo de exclusão do aluno, faz-se necessário que cada professor assuma o seu papel de educador.

REFERÊNCIAS

BURNIER, S. et al. **História de vida de professores: o caso da educação profissional.** In: Revista Brasileira de Educação, v.12, n.35, mai/ago. 2007.

CAPUTO, M.E.; FERREIRA, D.C. **Inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na Educação Física escolar.** In: I Congresso Latino-Americano de Educação Motora. Foz do Iguaçu, 1998.

CARMO, A. A. do. **Inclusão Escolar: Roupa nova em corpo velho.** Revista Integração, Brasília: MEC/SEESP, n. 23, p. 43 - 47, 2001.

FERRE, Nuria Pérez de Lara. Identidade, **diferença e diversidade: manter viva a pergunta.** In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 195-214.

FISCHER, Ana Paula; FISCHER, Julianne. **Inclusão escolar e os dizeres de alunos com e sem deficiência.** Atos de pesquisa em educação – PPGE/ ME FURB. ISSN 1809– 0354 v. 3, nº 3, p. 442-459, set./dez. 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **Os Professores e Suas Identidades: o desenvolvimento da heterogeneidade.** Cadernos de Pesquisa, nº 98, Fundação Carlos Chagas, SP: Cortez, 1996

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da EF escolar II.** In: Cadernos de Formação RBCE, v. 1, n. 2 (2009). Campinas: CBCE e Autores Associados, 2010.

IBGE (2000) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000.** Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 8 dez de 2011.

KRUG, Hugo Norberto. **A inclusão de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais na educação física escolar.** Universidade federal de santa Maria, RS. Cadernos: edição 2002, nº 19.

LEUCAS, Cláudia Barsand de. **A Inclusão de um aluno com deficiência nas aulas de Educação Física em uma escola particular de Belo Horizonte: um olhar sobre a prática pedagógica de um professor.** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2009.

MATTOS, E. **Esportes adaptados para portadores de deficiências físicas: implicações e aplicações.** Anais III Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada. São Paulo, 1990.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais.** Trad.: Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Relatos Oraís: do “indizível” ao “Dizível”.** In: Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. Org. VON SIMSOM, Olga de Moraes. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência.** São Paulo, 2005.

STUCKERT, Kelen Cristina Borges da Silva. **Professores com deficiência de escolas públicas de Brasília: opiniões e percepções sobre inclusão educacional e Lei de Cotas.** Disponível em: http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2010013141635462kelen_cristina.pdf
Acesso em 9 de junho de 2012.